

O planeado, o feito e o não feito – *honesty report*

2020 foi o ano dos maiores desafios de uma geração. Há 100 anos que o mundo não vivia uma pandemia, que chegou quase sem aviso, com medidas de mitigação importantes para reação à mesma e que colocaram em causa o nosso trabalho, bem como o trabalho e a vida de todas as organizações, empresas, governos e pessoas.

Neste enquadramento, também a sustentabilidade financeira e a subsistência das próprias organizações, empresas e instituições não dependentes do Estado foram fortemente postas em causa. Com o confinamento os nossos projetos de angariação de fundos foram afetados e perdemos apoiantes, dimensões que tornam possível e viável o nosso trabalho. Necessitámos, por isso, de nos reinventar o mais rapidamente possível e de forma urgente.

Foi necessário, assim, focarmo-nos em dois aspetos principais:

- A relevância da Amnistia Internacional no trabalho ao serviço dos direitos humanos no contexto grave da pandemia;
- Reinventar formas de trabalho que garantissem a subsistência da organização e a possibilidade da continuidade do seu trabalho.

Nestes âmbitos, criámos com urgência um site dedicado ao apoio e encaminhamento a todos quantos necessitassem dele no âmbito da pandemia. Criámos mecanismos de monitorização da situação de direitos humanos no mundo e em Portugal, que nos permitissem identificar problemas e denunciá-los, bem como propor soluções para os resolver às entidades competentes e socorrendo-nos a lei nacional e internacional de direitos humanos. Cedo investigámos e fizemos campanhas para mitigar e expor abusos e falhas no cumprimento de direitos humanos e que estavam a ser cometidos à sombra da pandemia COVID-19 em todo o mundo. Desde a proteção aos profissionais de saúde à denúncia de silenciamento da imprensa, ao agravamento da vulnerabilidade das pessoas que viviam em situação de maior pobreza, alertámos para múltiplos problemas e fizemos ainda várias recomendações ao governo, entre vários ministérios, e às forças de segurança, para que tivessem os direitos humanos como prioridade na sua atuação e resposta à pandemia.

Desenvolvemos ainda, no campo da Educação para os Direitos Humanos, atividades que se pudessem realizar em confinamento, e concluímos o processo de construção da Academia Amnistia, como se refere mais adiante.

Em confinamento foi também necessário, e não estando planeado, dar condições a todas as Estruturas Operacionais de ativismo para que continuassem o seu importante trabalho. Para este efeito, criámos um manual de apoio às mesmas, bem como plataformas de reuniões digitais e por videoconferência para que pudessem encontrar-se e continuar a organizar eventos. Além destas estruturas tecnológicas, as Estruturas reinventaram o seu trabalho, promovendo sessões e reuniões públicas de ativismo nas redes sociais em que trabalham e estão presentes.



Conseguimos causar impacto e marcar a agenda totalmente dedicada à pandemia, não deixando esquecer a proteção dos direitos humanos tão necessário e tão urgente em contexto de emergência nacional e mundial.

Dada a prioridade para os temas ligados ao impacto da pandemia em direitos humanos, o trabalho planeado no âmbito da justiça climática e do posicionamento da AIPT como um ator de relevo no debate e ação sobre as alterações climáticas, foi adiado.

Ao nível da sustentabilidade, foi necessário reformular os planos. O projeto “Door to Door” não chegou a poder arrancar durante todo ano. Com o projeto “Face to Face” cancelado no período da primavera, reinventámo-nos com o “F2F em sua casa”, apostámos em formatos digitais de angariação de fundos e envolvimento de pessoas. Desenvolvemos produtos para a nossa loja online, com a produção e venda de máscaras certificadas aos nossos públicos em Portugal e a outras secções internacionais da Amnistia Internacional. Com a venda das máscaras gerámos lucros que reverteram para a produção de mais máscaras para oferecermos às comunidades vítimas de abusos de direitos humanos que mais de perto acompanhamos.

Desenvolvemos a Academia da Amnistia Internacional – Portugal, concluindo a implementação deste projeto plurianual que, em ano de pandemia, se concluiu e pudemos, assim, oferecer à sociedade e aos professores capacitação e formação certificada pela DGERT e pelo Centro da Universidade do Minho que regula a formação de docentes do ensino básico e secundário, sendo também este serviço qualificado da organização uma forma de angariação de fundos. Este ano a formação foi em formato online. Esperamos, no futuro, cumprir todo o potencial da Academia quem formação presencial também.

Em termos de sustentabilidade, felizmente, as pessoas que nos apoiam e acompanham souberam perceber e reconhecer a relevância do nosso trabalho e, em ano de dificuldades hercúleas, conseguimos continuar a crescer e a cumprir o nosso trabalho.

Por isso, um sentido e profundo agradecimento a todos os e as nossas apoiantes, a todos os e as nossas ativistas, membros e por fim à equipa que lidero, por este teste de stress que soubemos ultrapassar com coragem e determinação magníficas.

Infelizmente no ano de 2020 a nossa intervenção de rua foi fortemente limitada pela pandemia. Conseguimos reinventar-nos para outros espaços, mas, oxalá, possamos em breve voltar à estrada e ao mundo em plenitude, agindo no terreno em todas as dimensões do nosso trabalho.

Pedro Neto
Diretor Executivo

26 de março de 2021